



Os policiais foram recebidos com violência pelos invasores, que chegaram a cercar o acampamento com arame farpado. No final do embate, 15 pessoas ficaram feridas e invasores foram presos por agressão

Invasores em Samambaia resistem aos policiais com paus, pedras e facões e remoção acaba com feridos e prisões

BATALHA CAMPAL

Rogério Dy La Fuente
Da equipe do Correio

Eram exatamente 14h30 quando 18 cavaleiros, mais 35 soldados a pé, investiram contra o acampamento montado na QR 602 de Samambaia, onde aproximadamente 300 invasores, entre homens, mulheres e crianças, resistiram armados de paus e pedras e facões, à operação de remoção. O governo do Distrito Federal passou dois anos e seis meses sem se confrontar fisicamente com os invasores de áreas públicas, mas ontem a batalha campal foi inevitável. O saldo deste primeiro conflito pela posse da terra no DF foi de 15 feridos: quatro policiais militares, dois bombeiros e sete invasores, entre eles uma mulher grávida, Eliane Ferreira, no quinto mês de gestação. Cinco invasores foram recolhidos à 26ª DP (Samambaia) por agredirem os policiais.

Tudo aconteceu muito rapidamente. O combate durou menos de 20 minutos. O tropel dos cavalos se confundia com o grito das mulheres desesperadas carregando os filhos para longe da área de conflito. De acordo com o comandante da operação, major Mário Celso Manente, do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), o conflito foi inevitável. "Pretendíamos fazer uma remoção pacífica, mas os invasores resistiram atirando pedras e pedaços de madeira na PM", justificou.

A invasora Maíse Marques, de 21 anos, apresentou outra versão. "Eles não chegaram a fim de conversa. São uns animais, já vieram jogando os cavalos pra cima da gente", afirmou. Ao lado de Maíse, Gleice Ferreira da Silva, também de 21 anos, era carregada por dois amigos. "Mesmo eu não tendo reagido, o policial me acertou na perna com o cassetete", contou chorando.

ACAMPAMENTO

Na segunda-feira, depois terem



A polícia prendeu os invasores que resistiram à remoção do que eles chamavam de acampamento de resistência

seus barracos desmontados na QR 602, os invasores se reuniram e decidiram criar o que denominaram *acampamento de resistência*. Às 5h30 da manhã de ontem, uma área de aproximadamente mil metros quadrados já estava cercada com arame farpado, e no seu interior foram montados barracos de lona plástica e madeira. Nos muros da cerca, bandeirolas brancas com a inscrição "paz" marcavam o acampamento. "Daqui eu não saio, moro de favor na Expansão da Samambaia e quero um lote meu, não agüento mais", explicava Amália de Jesus Pelegrini, brasileira, com 30 anos.

Durante toda a manhã os invasores foram assistidos pelo presidente do Sindicato dos Inquilinos do Distrito Federal, Francisco Piauí. "Sou contra a invasão de terrenos para conseguir lote, mas já que foi esta a opção das pessoas, o sindicato tem

que apoiar", revelou.

Na tentativa de solucionar o problema dos invasores, Piauí articulou uma reunião pela manhã entre a Administração Regional de Samambaia, deputados distritais e uma comissão de invasores. O encontro foi infrutífero. "A única proposta do governo era cadastrar no Idhab estas pessoas que estavam aqui. Isso não resolveu, porque a maioria já é cadastrada", avaliou.

CONTROLE

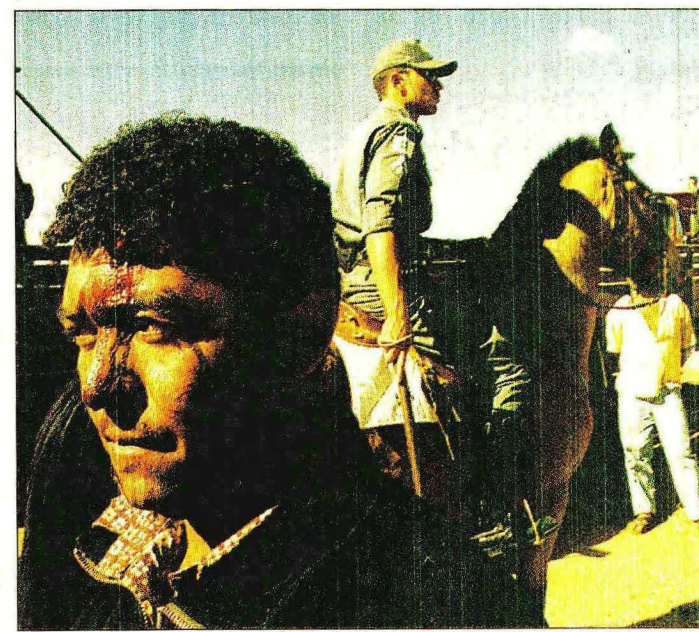
O *acampamento de resistência* foi rigidamente controlado durante toda a manhã. Cada invasor que saía, recebia uma senha de papel para poder retornar. Somente de posse desta senha, os "seguranças" permitiam o retorno. Apenas quando um invasor retornava outro podia sair. "Essa foi a forma que a gente encontrou para impedir que outras pessoas que não batalharam venham

para cá e aproveitem se a gente ganhar os lotes", explicou Helen Silva Souza, que morava pagando aluguel a quatro quadras dali, na QR 608.

Junto com Helen e Amália estava Josefa de Souza Lins, que curiosamente foi entrevistada pelo *Correio Braziliense* no dia 1º de maio, como sendo integrante de uma família que conseguia sobreviver apenas com o salário mínimo. "Eu estava fugindo de pagar o aluguel, não pensava que precisaria correr da polícia também", disse.

No acampamento, foram encontrados 25 facões, facas e punhais. Depois do conflito, todo o material dos invasores foi removido pelas equipes do Siv-Solo, que utilizaram um trator e quatro caminhões. Na ação, o fotógrafo Carlos Moura, do *Correio Braziliense*, foi ferido por policiais militares que tentaram recolher seu equipamento, deixando-o danificado.

PERSONAGEM DA NOTÍCIA



José Valdemir Rodrigues da Silva não viu quem o acertou

Agitador ou herói?

Entre os feridos na Batalha Campal de Samambaia, José Valdemir Rodrigues da Silva, de 30 anos, se destacou. Mesmo com a frente ensanguentada por um golpe de cassetete, Valdemir retornou para perto do acampamento, para tentar auxiliar outros invasores a escaparem da polícia.

"Não sou herói, já fiz muita coisa errada na vida, mas numa hora dessas não dá para deixar mulher apanhando de policial armado com cavalo e cassetete", afirmou. Segundo ele, o golpe que recebeu na cabeça teve motivo. "Eu não vi quem me

acertou, mas com certeza também não ficou bem", presumiu.

Segundo o subcomandante do Serviço de Vigilância do Solo (Siv-Solo), Major Mário Celso Manente, José Valdemir é figura conhecida nas invasões da cidade. "Esse cara é agitador já conhecido e esteve preso anteriormente", revelou. Para Arlene Alves da Silva, que foi amparada por Valdemir, não importa o passado de seu salvador. "Se não fosse ele, o cavalo teria me pisado e eu talvez não estivesse viva para contar isso agora", avaliou.